

Água durante a pandemia: impactos na vida das mulheres e meninas brasileiras

Palavras-Chave: Direitos humanos, Pobreza hídrica, Pobreza menstrual

Autoras:

Carla Yumi Otsuka Kuniyoshi [FCA - UNICAMP]

Prof.^a Dr.^a Luciana Cordeiro de Souza Fernandes (orientadora) [FCA - UNICAMP]

INTRODUÇÃO:

A pesquisa buscou entender e evidenciar a relação entre água e gênero durante a pandemia de COVID-19, concentrando esforços para perceber os impactos na vida das mulheres e meninas pobres no Brasil, parcela da população que, muitas vezes, é desassistida e subestimada pelo Poder Público e pela própria sociedade, sendo privada de acesso a água não só em seus lares, mas também no convívio social, como nas escolas.

Inicialmente, situa-se o contexto da COVID e, em seguida, a importância da água para a prevenção do contágio e higiene básica da mulher. Ambas etapas foram executadas a partir de vivências em campo, artigos e dados públicos disponíveis. O terceiro momento dedica-se ao estudo da água como um direito à esperança, trazendo reflexões sobre pobreza, contexto econômico e direitos humanos. Através das interpretações desenvolvidas, passa-se a discutir os impactos da falta desse recurso essencial à qualidade de vida.

Por fim, verifica-se que este cenário continua debilitando milhões de vidas diariamente e que em momentos obscuros como o que atravessamos, é ainda mais importante juntar nossas forças para vencer a batalha pela garantia do bem da Vida – a água - para acesso à todos.

METODOLOGIA:

A fim de escolher a melhor metodologia teve-se como base a citação de Paulo Freire em seu livro “Extensão ou Comunicação?”:

Educar e educar-se, na prática da liberdade, é tarefa daqueles que sabem que pouco sabem - por isto sabem que sabem algo e podem assim chegar a saber mais - em diálogo com aqueles que, quase sempre, pensam que nada sabem, para que estes, transformando seu pensar que nada sabem em saber que pouco sabem, possam igualmente saber mais.

Assim, para interpretar os efeitos da falta de água na vida das mulheres e meninas procurou-se ter uma maior proximidade das pessoas que dia após dia lidavam com a carência deste bem, buscando adentrar de forma íntegra nesta realidade para melhor aprendê-la e compreendê-la.

Em um processo de aprofundamento e empatia, a pesquisa foi elaborada via experiências humanas com o objetivo de despir-se de possíveis pré-conceitos e generalizações que não representem a realidade do grupo estudado. Para melhor instrução sobre saneamento, possibilidades e técnicas de construção de um sistema de esgoto houve o ingresso na disciplina EX007 - Saneamento e Meio Ambiente, ministrada pela Prof.^a Dra. Luana Cruz, docente da UNICAMP. E, para aprender sobre os efeitos da escassez, iniciou-se a participação de trabalhos na 'Comunidade Nelson Mandela' em Campinas/SP (Fig. 1.). No início o foco principal era agregar a pesquisa, trazendo insumos e considerações, entretanto, foi entendido que se tratava de uma luta muito maior, eram vidas que batalhavam por direitos que deveriam ser universais e enfrentavam o medo da incerteza do amanhã.



Fig. 1. Início da construção da sede na Comunidade Nelson Mandela
Fonte: Dalton Yatabe (Chun)

Importante ressaltar que para esta pesquisa também foram analisados artigos, reportagens jornalísticas e pesquisas acadêmicas de órgãos oficiais e organizações não governamentais para complementar os dados observados em campo e estabelecer um panorama dessa realidade ainda oculta para grande parcela da população brasileira. Além disso, a pandemia - um dos principais pontos do estudo - não chegou ao fim até o momento da elaboração deste trabalho e, em razão deste fato, a luta por soluções e avanços continua e deve continuar para dar visibilidade a ausência de direitos básicos às mulheres e meninas pobres neste país.

RESULTADOS E DISCUSSÃO:

No Brasil, até 13 de julho de 2022, foram 33.076.779 casos confirmados e 674.482 vidas perdidas em decorrência do coronavírus (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2022). Tal vírus tem mostrado uma intensa capacidade de se adaptar e para se proteger do contágio é preciso 'lavar as mãos' com água e sabão. Todavia, a água é um recurso escasso nas periferias, nestas localidades o abastecimento é intermitente, frequentemente há queda no abastecimento ou o acesso ocorre por meio de ligações ilegais que não garantem uma água segura e expõe os moradores a contaminação e inúmeras outras doenças, inclusive, a COVID-19.

Falar sobre falta de água no país que detém 12% da água doce do mundo é irracional, demonstrando como este bem tem sido distribuído de maneira desigual. São 35 milhões de brasileiros que não têm acesso a água tratada e 90% da falta de saneamento se dá em áreas de moradias irregulares, de acordo com o Instituto Trata Brasil em 2021. Locais onde a realidade habitacional é de alta concentração de casas, construídas em vielas com pouco espaço e ventilação, ocupadas por uma grande quantidade de famílias e pessoas. Por isso, o isolamento social, o *home office* e a mais simples das medidas, como a lavagem das mãos, não é acessível.

“Nessa guerra invisível, tais corpos acabam sendo considerados como sacrificáveis, apenas números distantes de nossa realidade, os mais pobres sofrem com a falta d’água e com um conjunto de outros aspectos que deixam seus lares desprotegidos contra o coronavírus. A ordem é para lavarem as mãos, mas não existem torneiras com água e sabão em suas casas [...]” (SOUZA-FERNANDES; KUNIYOSHI, 2022)

Ademais, a pandemia exacerbou as deficiências estruturais do Brasil, o que permite escancarar a desigualdade no acesso à água, pois está evidente a existência de uma pobreza hídrica no país. Isso confirma que o ‘endereço deve ser considerado como fator de risco no cenário pandêmico, visto que há uma potencialização do vírus nas localidades desassistidas de saneamento (PROGRAMA CIDADES SUSTENTÁVEIS, 2020).

Com um olhar especial para as mulheres, a relação com a água abrange desde questões básicas como a higiene menstrual até os costumes definidos pelos padrões de gênero, uma vez que é fato ser designado à mulher os afazeres domésticos e é entregue em seus ombros a responsabilidade de garantir água para beber, cozinhar, limpar a casa e cuidar da saúde de sua família. Cabe ressaltar que a negligência das necessidades menstruais gera problemas que poderiam ser evitados, desde alergias, irritações e infecções até complicações que resultam em óbito, como a Síndrome do Choque Tóxico. Dessa forma, além do sofrimento emocional, a falta de políticas públicas compatíveis com as disfunções geradas pela pobreza menstrual impacta o futuro dessas pessoas, que iniciam seu contato com a menstruação em um período decisivo para o seu desenvolvimento, a adolescência (UNICEF, 2021). Além disso, a falta de acesso a saneamento básico e a produtos de higiene menstrual interfere também na frequência escolar de milhares de meninas e meninos transexuais menstruam, sem falar nos impactos emocionais, que confirmam ainda mais o tabu existente sobre a menstruação (LOPOMO, 2020).

Em vista disso, a falta de abastecimento limita de forma mais intensa a educação e oportunidades das mulheres, obrigando-as a abrir mão de seu bem estar e futuro. **Sem água, como priorizar a educação?** A tendência é que estas mulheres ocupem cargos menos relevantes no mercado de trabalho e tenham uma renda menor.

Esta foi uma das razões que motivou a presença da cozinha no momento da construção da sede na Ocupação Nelson Mandela em Campinas/SP, para que as mulheres pudessem fazer pães para vender

e promover oficinas para aumentar a renda. Além disso, os banheiros da comunidade consistem em fossas, sem tratamento ou proteção, por isso foi estudada na disciplina 'EX007 - Saneamento e Meio Ambiente', qual seria a tecnologia barata e acessível a ser aplicada naquela região, a fim de construir, em conjunto com os moradores, um banheiro seguro na sede (Fig. 2). São estes alguns dos exemplos aprendidos no período acompanhando a realidade das pessoas que remam contra a maré para conseguir o pão de cada dia, o acesso a água, a higiene, inclusive menstrual, e a luta por um banheiro.



Fig. 2. Sede finalizada em junho de 2022.
Fonte: Luiz Otavio Arantes

E isto em pleno século XXI.

CONCLUSÕES:

A pandemia no Brasil continua expondo e evidenciando o fato de que não estamos todos no mesmo barco, ainda existe muita desigualdade, injustiça e urge que o acesso aos direitos fundamentais e sociais, incluso a água segura, possam ser descortinados e enfrentados para que o Brasil possa verdadeiramente atender os 17 ODS da Agenda 2030. Afinal, o vírus não distingue idade, gênero ou etnia e é preciso fomentar rodas de conversa para que as favelas, ocupações e ou núcleo de submoradias também estejam protegidas não somente em momentos de emergência de saúde pública, mas para que implementadas políticas públicas com ênfase aos bens da vida e a desigualdade de gênero sejam promovidas e promovam mudanças e igualdade no viver de cada menina e mulher pobre deste país, afastando-as não só da pobreza hídrica, como também da pobreza menstrual.

BIBLIOGRAFIA

- AGÊNCIA CBIC (2021). **35 milhões de brasileiros não têm acesso à água potável no país.** Disponível em: <<https://cbic.org.br/35-milhoes-de-brasileiros-nao-tem-acesso-a-agua-potavel-no-pais/>>. Acesso em: 22 abr. 2021.
- FREIRE, Paulo (1983). **Extensão ou Comunicação?** Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra.
- LOPOMO, B. (2020). **O que é pobreza menstrual?** Disponível em: <<http://jornalismojunior.com.br/pobreza-menstrual-um-sofrimento-invisivel/>>. Acesso em: 20 jul. 2021.
- MINISTÉRIO DA SAÚDE (2021). **Painel Coronavírus.** Disponível em: <<https://covid.saude.gov.br/>>. Acesso em: 13 jul. de 2022.
- PROGRAMA CIDADES SUSTENTÁVEIS (2020). Mapa da Desigualdade. Disponível em: <<https://www.cidadessustentaveis.org.br/noticia/detalhe/mapa-da-desigualdade-as-capitais-brasileiras-e-os-impactos-da-covid-19>>. Acesso em: 21 abr. 2021.

SOUZA-FERNANDES, Luciana Cordeiro de; KUNIYOSHI, Carla Yumi Otsuka (2022). **Resiliência ambiental: Brasil em tempos pandêmicos**. Ituiutaba, Editora Barlavento, p. 293-309.

TRATA BRASIL (2021). **Ranking do saneamento 2021**. Disponível em: <http://www.tratabrasil.com.br/images/estudos/Ranking_saneamento_2021/Relat%C3%B3rio_-_Ranking_Trata_Brasil_2021_v2.pdf>. Acesso em: 20 abr. 2021.

UNICEF (2021). **Pobreza Menstrual no Brasil**. Disponível em: <<https://www.unicef.org/brazil/relatorios/pobreza-menstrual-no-brasil-desigualdade-e-violacoes-de-direitos>>. Acesso em: 17 jul. 2021.